

# BELO HORIZONTE OU MUNIQUE

José Sarney

Poucas vezes o Brasil enfrentou um momento de tamanha importância para o seu futuro como agora. Não me refiro à situação interna, esta é circunstancial, mas ao destino nacional, da América do Sul e do nosso futuro.

O maior acontecimento da História do continente, depois da fundação dos estados nacionais, já foi dito e repetido, foi a fundação do Mercado Comum do Cone Sul. É uma realidade, mas foi uma idéia-força, mais grandiosa do que uma simples área de livre comércio, o ideal político de formarmos uma comunidade de nações, que se unem para jogar um destino comum, no processo mundial. Enquanto estávamos separados e apenas unidos pela retórica, ninguém pensou em nosso continente em termos de integração. A chamada visão de América era uma visão retalhada das três Américas: do Norte, rica; Central, em formação; do Sul, pobre e miserável. Éramos uma reserva de mercado. Quando começou o que hoje é o Mercosul, 1985, Ata de Iguazu, ninguém acreditava nele nem no seu sucesso. O Brasil e a Argentina viviam tempos difíceis, lutando contra a hiperinflação e tentando sobreviver às sufocantes consequências da dívida externa. Os Ricos julgavam e apostavam nas nossas dificuldades e em nossas rivalidades. Superamos todas.

Foi o presidente Bush que, numa viagem ao Texas para participar de uma cúpula mundial dos sete grandes, a fim de dar uma satisfação contra a idéia do Mercosul, falou numa zona de livre comércio mais ampla, "do rio Grande à Patagônia". Ofereceu "duzentos milhões de dólares", para começar. Ninguém sabia realmente o que aquilo significava. Hoje, sabemos. Era o primeiro balão de ensaio para contrapor-se à consolidação do processo de integração que iniciávamos e que ia dando certo.

Hoje, o Mercosul é uma realidade. Li, há duas semanas, no *Financial Times*, que dentro de cinco anos o Mercosul será o terceiro pólo automobilístico do mundo ocidental, depois dos Estados Unidos e da Alemanha. Não quis fazer uma leitura desse texto como uma advertência de que estava na hora de encarar-lo como concorrente e tentar esmagá-lo. Considerei como uma constatação otimista. Devemos tomar consciência de que somos uma área econômica emergente para ter um espaço no mundo da globalização, e não uma região satélite.

Nunca foi tão necessária a união Brasil e Argentina. O Brasil entrou para o Mercosul com a visão da unidade e fez grandes concessões. A Ar-

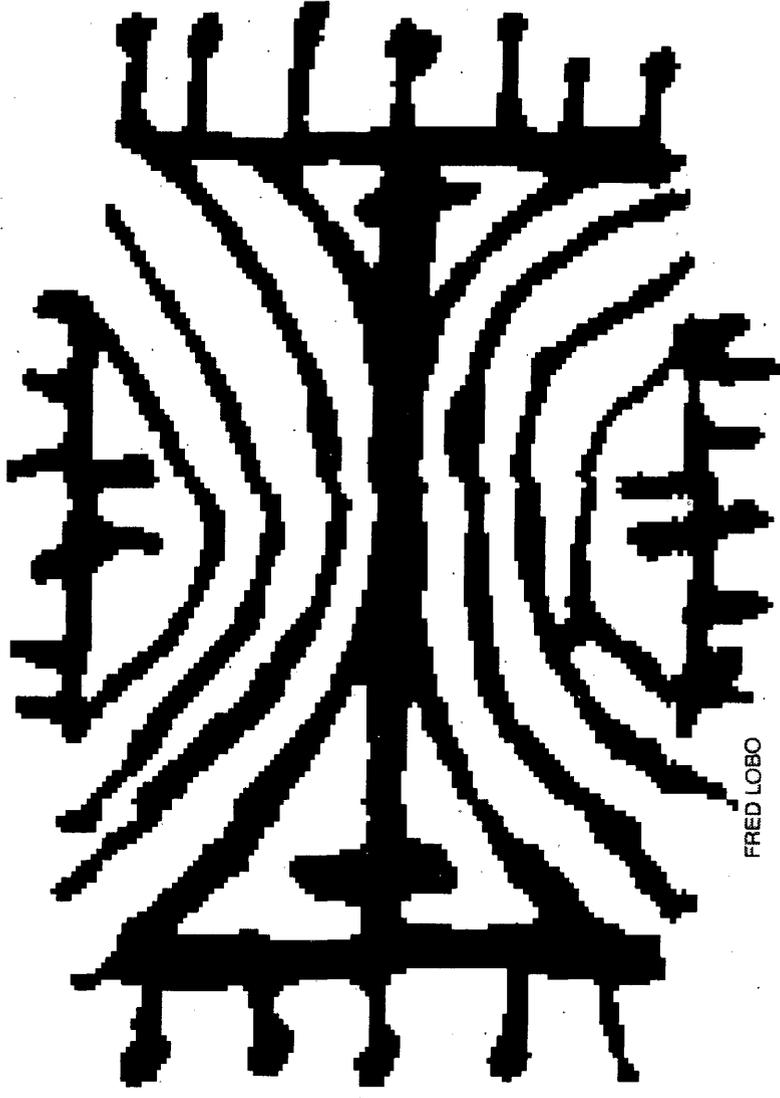
gentina aceitou acabarmos com nossas divergências históricas, superá-las, e juntos jogarmos o trunfo de crescer aliados. Hoje, o maior parceiro da Argentina é o Brasil, e a Argentina é a maior parceira brasileira. Henry Kissinger, que sempre teve uma visão estratégica da América do Sul e compreende muito claramente o processo brasileiro e argentino, fez uma lúcida análise da situação presente. Diz ele, com razão, e isso ninguém esconde, que a visão americana é de que o Mercosul é um bloco discriminatório e daí os EUA "desajam o seu desaparecimento ou transformação". Acrescenta que essa interpretação é uma fuga ao desafio que está no tabuleiro. Diz Kissinger que "o fato inegável é que o continente sul-americano está tendo uma importância cada vez mais crítica para os Estados Unidos", uma vez que 18% das vendas americanas são para nossos países.

Diante desse quadro, a Alca passou a ser uma necessidade inadiável. Ela absorverá o Mercosul, e nesse processo não podemos esquecer que o gigante econômico, os Estados Unidos, terá posição hegemônica, e volta tudo como dantes no quartel

da Abrantes.

Kissinger também faz uma revelação que sabíamos, sem que alguém de alto nível avalizasse essa versão: "Se os Estados Unidos não tivessem falhado em promover o acesso do Chile ao Nafta e tivessem sido receptivos à insinuação da Argentina nessa direção (Nafta), as posições relativas de barganha Mercosul e do Nafta não seriam as que são hoje e ambas as instituições estariam a caminho de transformar-se em elementos complementares de uma área de livre comércio hemisférica". Ora, as informações que Kissinger, com a sua autoridade, divulga é um fato que não está mais escondido, e honestamente é aquele que sempre soubemos: toda essa movimentação que tem sido feita é justamente no interesse de isolar o Brasil. Atrai-se Chile e Argentina para o Nafta e o Brasil fica na berlinda, porque o Brasil é o gigante que faz medo. No mesmo sentido opinaram Richard Feinberg, ex-assessor do Conselho de Segurança dos EUA, e Fred Bergsten, do Institute for International Economics. Dizem ambos que o Brasil é uma ameaça para a Alca.

Dois fatos evitaram essas man-



FRED LOBO

bras: primeiro, a resistência do Congresso americano em conceder o *fast-track* (autorização para assinar os acordos do Nafta), e a recusa da Argentina em aderir ao isolamento do Brasil, o que seria um passo demasiado arriscado para ela em face do alto nível de envolvimento de nossos países no processo regional. Prova disso é a decisão argentina de, apesar de nossas disputas comerciais, defender em bloco as propostas de negociação com a Alca.

Assim, considero esse momento um divisor de águas. Ou Brasil e Argentina mostram-se firmes em manter a independência do processo de integração do Cone Sul, que vai além da simples barreira tarifária, ou então estarão renunciando à última oportunidade da América do Sul em constituir-se num espaço econômico com dimensão mundial, e não um satélite. Separados, somos fracos; unidos, fortes. Lembremos Saenz Peña. "Tudo nos une, nada nos separa".

Não condeno os Estados Unidos em defender suas posições, pois eles não escondem que é do seu dever defenderem em qualquer lugar do mundo os interesses econômicos do país, conforme acentua a secretária Albright. Mas condenarei, como é do meu dever, o governo brasileiro, se ele renunciar ao seu futuro e ceder às pressões para desestruturar o mais importante passo de nossa História contemporânea que é o Mercosul.

Estamos de olho em Belo Horizonte, na conferência que ali se realiza, com a visão de que ela pode ser lembrada, como o marco de um novo tempo, ou então uma Munique, onde Chamberlain entregou a Europa.

*Nota — O embaixador dos Estados Unidos, Melvyn Levitsky, escreveu-me dando-me o exato teor das declarações da sra. Albright que nesta coluna publiquei. Diz ele que a frase correta é: "Existem grupos regionais se desenvolvendo independentemente na América Latina, e penso que é importante para nós fazer parte deles. De outra forma, seremos os perdedores". Acrescenta o embaixador que ela não teria afirmado ser o "Mercosul nocivo aos interesses dos EUA". Uma das minhas fontes foi o seminário "Política Social e Democracia, a Experiência do Cone Sul", realizado em Buenos Aires e patrocinado pela Fundação Argentina para a Livre Informação, dirigido pelo ex-presidente Raúl Alfonsín, seminário de que participei nos dias 3 e 4 de abril de 1997. Outra fonte foi Le Monde Diplomatique.*

■ José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá